



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

ALMOÇO OFERECIDO PELAS FORÇAS ARMADAS

Clube da Aeronáutica
Brasília, DF
17 de dezembro

Nesse universo complexo das sociedades modernas têm importância fundamental as Forças Armadas e a sua capacidade de ação, como fonte de estabilidade e de condições básicas para a construção da riqueza nacional.

17 de dezembro — O Presidente José Sarney determina que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, em lugar de criar impostos para aumentar a arrecadação, atinja este objetivo aperfeiçoando os controles da receita e apertando a fiscalização. O Presidente insiste em que o grande problema da arrecadação é a evasão e as isenções fiscais.

17 de dezembro — O Presidente Sarney afirma, em almoço de fim de ano com 148 oficiais gerais das Forças Armadas, que «somos conscientes de que a transição democrática, no Brasil, está sendo feita com os militares e nunca contra os militares».

Agradeço as generosas palavras do ministro Moreira Lima, intérprete do pensamento dos demais ministros militares e de todos que aqui se encontram.

Esta cerimônia tem, como ele afirmou, um simbolismo que transcende as pessoas, para ganhar o sentido maior das instituições.

Não é somente uma simples confraternização. É a consciência para o fato de que o Chefe Supremo das Forças Armadas deve ter, como um dos seus objetivos, uma absoluta integração com seus comandados. Com essa conduta se estabelece o clima necessário ao exercício do comando pela confiança, pelo exemplo, pelo desprendimento, pelo patriotismo, pelo sentimento de justiça, sentimentos que são indispensáveis à autoridade. Em razão dessa postura, o dever do Chefe Supremo é primordialmente zelar pelos subordinados. Dar-lhes meios de exercer a sua missão, defender-lhes a condição de dignidade, não permitir em nenhuma hipótese o seu desprestígio, assegurar-lhes o respeito, condições de adestramento, de vida digna, de bem-estar. Fazer aquilo que o velho Camões eternizou no verso: «... Nunca louvarei/o Capitão que diga 'não cuidei'».

Forças Armadas fracas são sinônimo de país fraco, débil, desintegrado. Forças Armadas despreparadas são sinônimo de insegurança para a nação, ameaça para a paz interna e desvalia internacional. E, sem paz — interna e externa —, não se pode pensar em progresso. E sem desenvolvimento não se tem empregos, nem melhor distribuição de renda e qualidade de vida, nem investimentos, e a esperança morre sem perspectiva de futuro melhor.

Nesse universo complexo das sociedades modernas têm importância fundamental as Forças Armadas e a sua capacidade de ação, como fonte de estabilidade e de condições básicas para a construção da riqueza nacional.

A missão constitucional de Chefe Supremo das Forças Armadas, atribuída ao Presidente da República, obriga-o a zelar por elas, a ser o primeiro a defendê-las e preservá-las, a prestigiá-las. Esse, o dever de todo Chefe. A Aeronáutica, o Exército, a Marinha estão a serviço da Nação e da defesa das instituições. Por isso jamais podem ser debilitadas. Descuidar-se dessa atribuição de chefia é recuar de um dos deveres primordiais do cargo. Só assim as Forças Armadas estarão aptas a cumprir com as ordens que lhes forem determinadas. Sem preparo, sem adestramento, sem condições profissionais, desmotivadas, descoordenadas, elas certamente não terão como cumprir as missões deter-

minadas pelo Chefe Supremo. Felizmente, esta não é a situação das Forças Armadas brasileiras.

Tenho procurado, desde os primeiros dias do meu Governo, dar condições de melhor preparo profissional, de melhores condições de vida, de zelar pelo seu respeito, de defendê-las dos seus inimigos, daqueles que pretendem denegri-las, de promover cada vez mais a sua unidade, integrando-as sem discriminação na estrutura global do nosso País.

Graças a essa diretriz vemos hoje superados os ressentimentos, uma perfeita união entre civis e militares, um diálogo reflexivo sobre nossos problemas, com a consciência de que somos um todo, conscientes de que a transição democrática, no Brasil, está sendo feita *com* os militares e não *contra* os militares.

Assim foi possível, nestes dois anos e nove meses, alcançar os avanços democráticos que alcançamos, e que não têm precedentes — em tão pouco tempo — nem na nossa História nem na História de outros países que buscaram o caminho da democracia, sair de um regime autoritário para um regime de estado de direito, sem traumas, sem sangue, sem divisões irreversíveis.

Restauramos todas as liberdades, chegamos todos à participação, sem discriminação ideológica, para ocupar os seus espaços. Convocamos a Assembléia Nacional Constituinte e, em meio aos maiores debates, às mais acirradas defesas de teses, estamos concluindo esse processo sem comprometimento da paz interna, evitando a violência e a ruptura.

Esse trabalho é a função do homem de estado com uma visão maior da História do País, do seu passado e do seu futuro. Não foram fáceis as condições em que se projetou e teceu essa obra de engenharia política. São exercícios de paciência, de compreensão, de negociação, de transigência, de despojamento da sedução de imposições inerentes àquelas que marcam todo poder.

A um só instante coube-me amargar a tragédia, lutar contra a recessão, aplacar a contestação, administrar o fervilhar de uma sociedade em mutação, enfrentar as adversas

condições de emprego, de poupança externa, interna e estatal, de desemprego, enfim, problemas de todos os matizes. A política será sempre um exercício de ajustamento, talvez aquilo que Bismark chamou «a arte do possível». Minha luta ficou sempre entre o fantasma do regresso e a desgraça da violência política organizada e clandestina, como fonte de usurpação do poder.

Tenho-me orientado «na mediação de oposições e equilíbrio de interesses divergentes, que são reais; surgem de conflitos e de grupos sociais», e que são exacerbados em momentos de transição.

E a política, para não desprender-se de sua base moral, tem que ter os seus limites.

Não há democracia sem a compreensão de que é um regime que tem que conviver sempre com a divergência.

E a função do Presidente é a de harmonizar conflitos.

Nesse contexto, as Forças Armadas do Brasil foram impecáveis no cumprimento de sua missão, ajudando a consolidar as instituições, prontas a defendê-las. Aptas a preservar a ordem interna, livrar o País de qualquer ameaça, manter o nosso prestígio e segurança externa, com unidade e grande patriotismo. Lembremos a lição de Castelnau: «o valor de um grupo depende do valor pessoal dos indivíduos que o compõem, porém, mais ainda, desse imponderável que se chama a força da coesão». Nunca, em nossa História, vivemos um momento em que precisássemos tanto da unidade das Forças Armadas. Graças a essa unidade, a essa conduta impecável, submetidas às ordens do seu Comandante Supremo, expressão do poder político, síntese de todos os poderes, vem sendo possível alcançar os êxitos institucionais que temos alcançado.

Tivemos um ano difícil. Mas quantos anos difíceis já tivemos e teremos de ter, no passado e no futuro, em toda a caminhada histórica de nosso País? Nem por isso o Brasil deixou de construir a sua grandeza e assegurar a certeza do seu lugar no mundo e a confiança no seu futuro.

Mesmo em meio a dificuldades continuamos crescendo num mundo em recessão, mantendo alto o nível de emprego, alcançando recordes como o da maior safra agrícola,

investindo em energia, transportes, indústrias de base, descobrindo novos recursos minerais, avançando espaços de tecnologia de ponta e silenciosamente ampliando cada vez mais os programas sociais que melhoram a vida de milhões de brasileiros pobres.

Não temos, portanto, motivos para lamentações nem pessimismos. A história do homem é a história da coragem, de vencer dificuldades, de superar obstáculos.

Firmemente, em meio a todas as incompreensões, dou o exemplo de minha serenidade e da minha confiança. Existem grupos minoritários que procuram inocular a cada dia o pessimismo, o protesto, a descrença em nosso modelo de vida, em nossas instituições. Vão da palavra à violência. É uma técnica para desestabilizar. É a chamada política de terra arrasada, que é a mais arrasada de todas as políticas.

Agradeço aos ministros Henrique Sabóia, Leônidas Pires Gonçalves, Otávio Moreira Lima e ao Brigadeiro Paulo Camarinha a ajuda que têm prestado ao meu Governo no assessoramento das decisões tomadas na área militar.

Sei que estamos todos nós prontos para defender as nossas fronteiras hoje ameaçadas pelo narcotráfico, pelos movimentos desestabilizadores que atuam em grupos de violência em países vizinhos, resistir à cobiça em nossos recursos nacionais, velar pelos vazios imensos dos territórios que nos foram legados pelos nossos antepassados. Nessas áreas aí está a presença vigilante e civilizadora de nossos soldados, marinheiros, aviadores.

Na solidão de seus quartéis, na assistência às populações desvalidas, na abertura de estradas, aeroportos e patrulha de nossos rios e costas.

Há o exemplo de Caxias, de Rondon, de Tamandaré e Barroso, de Osório, de Sampaio, de Eduardo Gomes, de Mascarenhas de Moraes, símbolos desse espírito pioneiro, defensor, patriótico, humano e heróico de nossas Forças Armadas.

O mundo hoje é sem dúvida um mundo transformado. As grandes potências tentam trazer suas divergências para os nossos territórios, transformando-as em posições políti-

cas nas nossas lutas nacionais. Devemos nos acautelar para não sermos caudatários nem prisioneiros desse jogo de interesses.

Estamos também preparados para que isso não prospere e se situe nos exatos limites da liberdade constitucional assegurada pelas nossas leis.

Estamos preparados para lutar contra a desestabilização, aqueles que fazem da democracia o caminho do suicídio.

Estamos preparados para resistir à agressão econômica, a defender nossas riquezas, a enfrentar retaliações, enfim, a assegurar o exercício de nossa soberania.

Implantaremos a democracia e seus valores, e presentes nessa tarefa estará a contribuição decisiva de nossas Forças Armadas, patrióticas e abnegadas no cumprimento do dever.

Quero agradecer-lhes esta homenagem, desejar-lhes Natal feliz, um Ano Novo feliz, votos que estendo a todos familiares dos que aqui se encontram.

E para concluir esta solenidade, esta confraternização, levanto um brinde à grandeza, à prosperidade e à paz de nossa Pátria, de nosso povo e de nossas Forças Armadas.